



Questões territoriais entre montanhistas e corredores de aventura na Serra Fina – sudeste do Brasil

Territorial issues between mountaineers and adventure runners in Serra Fina – southeastern Brazil

Luiz Henrique de Oliveira Santos, Vicente Paulo dos Santos Pinto

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo utilizar perspectivas territoriais para analisar conflitos entre segmentos turísticos realizados em uma mesma área. Para se alcançar os resultados, foi feito um estudo sobre a demanda turística que frequenta a Serra Fina, localidade que se encontra dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra da Mantiqueira, no sudeste do Brasil. Foi realizado um questionário para compreender melhor os dois grupos que frequentam a localidade, os montanhistas e corredores de aventura e, desta forma, registrar os objetivos e percepções de cada grupo sobre a localidade e identificar se há um conflito entre eles quanto à culpa pela degradação ambiental da área. Como resultado, foi concluído que a maior parte dos entrevistados concorda que os problemas são causados por algumas pessoas que realizam os dois tipos de atividades, e não é um grupo específico o culpado. O estudo evidencia que o problema está em pessoas que não tem respeito pela utilização responsável da localidade e que não representam integralmente nenhum destes grupos. Porém, há alguns discursos que inflam discussões e criam margem para uma divisão. O principal problema na região é a crescente demanda fomentada pela inserção da localidade dentro de um mercado turístico, alimentado por ideais de contato com a natureza, aventura e superação. Isso cria uma nova relação territorial entre as pessoas que frequentam a área, os moradores locais, os gestores e os outros envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Território; Mantiqueira; Turismo em Áreas Naturais; Demanda; APA.

ABSTRACT: This article aims to use territorial perspectives to analyze conflicts between tourism segments operating in the same area. To achieve these results, a study was conducted on the demand for tourism in Serra Fina, a location located within the Serra da Mantiqueira Environmental Protection Area (APA) in southeastern Brazil. A questionnaire was conducted to better understand the two groups that frequent the location, mountaineers and adventure runners, and thus record their objectives and perceptions about the location and identify whether there is a conflict between the two groups regarding blame for the environmental degradation of the area. As a result, it was concluded that most of the interviewees agree that the problems are caused by people from both segments, and that no specific group is to blame. The study shows that the problem lies with people who do not respect the responsible use of the location and who do not fully represent either of these groups. However, there are some discourses that inflame discussions and create room for division. The main problem in the region is the growing demand fostered by the insertion of the location within a tourism market, fueled by ideals of contact with nature, adventure and overcoming challenges. This creates a new territorial relationship between the people who frequent the area, local residents, managers and others involved.

KEYWORDS: Territory; Mantiqueira; Tourism in Natural Areas; Demand; APA.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar as diferenças entre os interesses de grupos que realizam práticas em áreas naturais na Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira, mais especificamente na Serra Fina. Apesar de frequentarem os mesmos lugares, grupos como montanhistas e corredores de aventura têm objetivos diferentes em suas práticas, o que pode criar divergências e até conflitos. Assim, este trabalho busca, por meio da percepção da categoria território, dissertar sobre como a atividade turística em áreas naturais pode gerar disputas de interesses em diferentes componentes da demanda.

Os interesses pela natureza são difusos e complexos. O ser humano não tem uma visão única sobre a importância da natureza e, consequentemente, a sua forma de agir, mesmo que buscando um ambiente equilibrado, gera resultados diversos. Segundo Alier (2007), ao realizar uma releitura do movimento ambientalista, destaca três grupos: o culto ao silvestre, o evangelho da ecoeficiência e o ecologismo dos pobres. Becker e Gomes (1993) e Diegues (1996) apresentam como a relação dos seres humanos com a natureza podem ter objetivos divergentes. Desta forma, o turista também pode ter objetivos diversos sobre a sua relação com a natureza.

O recorte espacial da pesquisa é a estrutura de cristas serranas na Serra da Mantiqueira, denominada de Serra Fina. Nesta estrutura geológica se encontra uma travessia turística chamada “travessia Serra Fina” que passa por alguns dos picos mais altos do Brasil, como a Pedra da Mina (4º pico mais alto com 2.798 m) e o Pico dos Três Estados (10º pico mais alto com 2.665 m) (IBGE, 2012). A área é protegida pela Área de Proteção Ambiental (APA)

da Serra da Mantiqueira, que tem buscado conciliar conflitos e aperfeiçoar a utilização dos bens de forma sustentável. (Santos, 2024)

A travessia teve um crescimento turístico elevado nos últimos anos, o que criou problemas como: a degradação das trilhas, o acúmulo de lixo e a utilização indevida da água, possibilitando a contaminação das nascentes por coliformes fecais devido à falta de cuidado com os dejetos. O perfil dos turistas que buscavam a região inicialmente eram os chamados “montanhistas”, nome utilizado na região para os praticantes de trekking. Porém, há alguns anos, um novo grupo começou a utilizar esta travessia – os corredores de aventura. Algumas corridas estão acontecendo neste local e proporcionando questionamentos sobre o impacto desta nova atividade. (Santos, 2024).

Alguns trabalhos estudaram a questão territorial na Mantiqueira por outras perspectivas, podendo destacar os realizados por Santos (2020; 2024) e Santos e Pinto (2021).

Referencial teórico

Território

O conceito de território gera discussões na Geografia e em outras ciências devido a sua abrangência. Tal conceito originou-se na biologia, mais especificamente na etologia. Nesta concepção, o território é compreendido como um ambiente de um grupo constituído por padrões de interação (Haesbaert, 2004).

Para Souza (2001), o conceito de território na Geografia tem origem na antropogeografia alemã, protagonizada, principalmente, por Ratzel. A estrutura da Geografia ratzeliana tinha como base o estudo do Solo (Boden) e a relação com a estrutura social. No pensamento apresentado, surge um conceito baseado na concepção do desenvolvimento do estado-nação atrelado à quantidade de bens disponíveis. O conceito de território se torna sinônimo de Estado, pois o estado se torna o organizador do território para o desenvolvimento da nação. A relação de poder de uma sociedade sobre determinada espacialidade começa a ser naturalizada.

Raffestin (1993) apresenta o conceito de território embasado na antropogeografia alemã, porém, desenvolve algumas reflexões. As teorias de Ratzel, apropriadas por um estado totalitário alemão, se estabeleceram como “base científica” para o desenvolvimento do nazismo. Para Raffestin, a obra de Ratzel foi reduzida, e de certa forma, se tornou intocável devido à utilização indevida. Com isso, destaca-se que as estruturas sociais são influenciadas pelas características naturais, mas o estabelecimento das teorias deterministas em um momento histórico se encaixou de forma oportuna nas propostas de apropriação territorial de desenvolvimento do Estado.

De acordo com Haesbaert (2004), na evolução do conceito de território, ele pode ser entendido em uma perspectiva materialista e por uma perspectiva idealista. Na perspectiva materialista clássica, o território é materializado por meio da ocupação do solo e serve como palco para o estabelecimento das estruturas humanas. Porém, esta visão pode incorporar uma dialética constituindo o território como o resultado das relações entre o

solo e as sociedades. Na concepção idealista, o território é estabelecido por conotações subjetivas que transcendem a materialidade. O que torna o território ideal para determinada civilização são as estruturas culturais. Nesta perspectiva, o território se torna um tipo ideal com valores semânticos inseridos não por uma ontologia, mas sim pelos signos que se estabelecem em um movimento dinâmico.

Mesmo contendo características materiais, áreas e localidades podem apresentar um valor simbólico além do funcional, relacionado a questões econômicas e de poder. Na antropologia, o território cria uma maior relação com a sua manifestação simbólica. Os códigos culturais se tornam a base para o estabelecimento da delimitação mediante as relações entre os símbolos e seus significados. Ao delegar valor econômico a uma área de um determinado território, fica nítido um movimento contrário à visão naturalista. Esta valorização não se relaciona necessariamente com as necessidades tróficas do indivíduo. Em certos casos, determinadas áreas recebem um valor subjetivo devido às estruturas estabelecidas pelas relações culturais e socioeconômicas. Determinada localidade se torna valorizada por designar um status a uma camada “superior” das estruturas ou simplesmente pela quantidade de equipamentos técnicos e estruturas da globalização.

A globalização cria territórios em redes, resultado de um tempo técnico-científico-informacional (Santos, 2002). As áreas de influências estabelecem similaridades entre localidades que se conectam e se relacionam em perspectivas semânticas dos símbolos e em uma sintaxe equivalente, mesmo não estando delimitados por uma fronteira. O território ficou fragmentado e ligado por redes.

Porto-Gonçalves (2002) analisa este novo momento e considera que o processo colonial disseminou o pensamento Europeu como um pensamento central, transmitindo-o como a ideia de neutralidade. O autor afirma que o Estado-territorial moderno ainda exerce muito poder político, pois há uma proximidade deste ente com o mercado. Isso cria novas territorialidades e um grupo diverso de excluídos.

A ressignificação do mundo e dos povos excluídos no desenvolvimento do processo de globalização cria uma situação conflituosa entre o global e o local. Esta disputa de apropriação, que se enfatiza cada vez mais, destaca a dicotomia do simbólico com o material.

A concepção do território em Santos (2002) também tem uma concepção dual que vem da técnica. A técnica modifica os espaços com o valor simbólico o qual se materializa em manifestações percebidas e reproduzidas. No domínio do capitalismo, os objetos técnicos derivados do sistema técnico dominante, estabelecem uma racionalidade instrumental do território, o que cria uma contraposição do global com o local devido a hegemonia sobre os fluxos de informação. Esse movimento torna as localidades mais conectadas globalmente aos sistemas em rede, mas exclui aqueles que não conseguem se adaptar. O mercado e o território se tornam xifópagos no processo de homogeneização.

Para Haesbaert (2004), o território se estabelece em duas lógicas: uma zona e outra reticular. Na lógica zonal, fica evidente a delimitação materialista

do estado encarnada nas relações de poder do Estado. As organizações da macroestrutura criam mecanismos de inclusão e exclusão mediadas por estruturas de controle. Na lógica reticular, o conceito de rede é tomado como base. A descontinuidade estabelece uma relação que aparentemente é subjetiva, mas fica materializada na expressão da territorialidade.

Trabalhar com o planejamento do turismo é aceitar as duas visões. Os planejamentos e trabalhos desenvolvidos em uma comunidade para a estruturação da localidade visando fomentar o desenvolvimento da atividade é visto como um processo interno, delimitado e sobre o controle das estruturas de Estado. No entanto, geralmente, não se considera a inserção da localidade em uma rede turística global, intensificada a influenciada por uma lógica reticular, criando novos mecanismos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização (T-D-R). O Turismo não vai criar um território neutro, mas inserir lógicas territoriais da globalização.

Os territórios são tomados por uma lógica que transforma a natureza, a cultura, a paisagem e outros elementos da sociedade em produtos turísticos. Aplica uma lógica de mercados onde tudo se torna mercadoria (Santos, 2024).

Turismo em áreas naturais

A atividade turística é uma atividade que envolve o deslocamento de pessoas que têm diferentes motivações. Há uma parte da demanda que se interessa em realizar atividade em áreas naturais, ou seja, áreas que não tem ou que tem muito pouco da sua estrutura natural alterada. Martins e Silva (2019) citam diversos termos como: turismo na natureza, turismo natureza, turismo de natureza e turismo em espaços naturais como conceitos similares em alguns momentos e diferentes em outros para designar as atividades em áreas naturais.

O turista se desloca pelas mais variadas motivações. Esta peculiaridade individual cria diferentes fluxos que podem ser divididos em segmentos, como por exemplo: o ecoturismo e turismo de aventura. A segmentação da atividade turística serve como uma forma de entender a demanda e estruturar os lugares para os interesses específicos, direcionando infraestrutura, marketing, serviços e etc. Apesar desta necessidade, há confusão entre termos a falta de clareza entre os segmentos. Oppiger et al (2022) afirmam que trabalhos publicados dão pouca ênfase aos aspectos conceituais. A operacionalização desta estratégia tem uma perspectiva acadêmica, mas tem como foco principal atender pesquisas sobre a compressão de mercados consumidores. A utilização destes conceitos sem um rigor acadêmico cria desencontros que dificultam a leitura dos processos.

Um exemplo desta confusão semântica é citado por Martins e Silva (2019) que aborda que o turismo de natureza pode ser associado ao turismo em áreas naturais ou ao ecoturismo. Para os autores o turismo na natureza é abrangente é enquadrar todas as atividades que tenham como base a natureza, independentemente se a sua prática é mais ou menos sustentável, enquanto o Ecoturismo seria o turismo responsável/sustentável que busca maior interação com a natureza.

López-Richard e Chináglia, (2004) também trabalham nesta conceituação, porém diferenciando o que é turismo de aventura e o que é ecoturismo. Enfatizam o turismo de aventura apresentando que o mesmo envolve risco e que o praticante estará envolvido em atividades altamente influenciadas pelas condições, às vezes imprevisíveis, do meio ambiente. Para estes autores, o critério que transforma uma experiência em uma aventura é o seu resultado incerto. Também diferenciam esportes de aventura e esportes radicais, onde o primeiro está associado a reprodução total ou parcial de experiências e técnicas expedicionárias como, por exemplo, o: montanhismo, canoagem, viagens de bicicleta e etc. No segundo, as atividades envolvem manobras de alta complexidade que necessitam de habilidades técnicas para vencer obstáculos, que muitas vezes, já são conhecidos, onde fatores naturais imprevisíveis podem não influir no resultado. Spink et al (2005) apresenta que tanto nos esportes de aventura quanto nos esportes radicais, há desafios consideráveis com um certo grau de risco/perigo. As atividades envolvem práticas com adrenalina e aventura, necessitam de habilidades específicas e de algum treinamento, carecem de equipamentos, geralmente de segurança, e tem a "natureza" como cenário privilegiado.

O Ministério do Turismo apresenta dois materiais (Brasil, 2010a; 2010b) que definem e orientam estratégias para o Ecoturismo e o Turismo de Aventura, dois segmentos típicos de serem realizados em áreas naturais. Definem o Ecoturismo como “um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações” (Brasil, 2010a, p.17). Envolve a gestão, proteção e conservação dos recursos naturais, compreensão da escala do empreendimento e do fluxo de visitantes, utiliza paisagens e preza pela educação ambiental. O “Turismo de Aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo ” (Brasil, 2010b, p.14). E envolve a diversidade, gestão de riscos, a participação e interação.

Dentre as várias atividades citadas como atividades de aventura, as caminhadas de longo curso são definidas como “caminhada em ambientes naturais”, que envolve pernoite. O pernoite pode ser realizado em locais diversos, como acampamentos, pousadas, fazendas, bivaques, entre outros. Também são conhecidas por *trekking*.” (Brasil, 2010b, p.18)

Outra modalidade tem surgido como atividade a ser realizada em áreas naturais, são as corridas de aventura. Segundo Resende (2016), pode ser definida como: “uma modalidade do atletismo desenvolvida em alta, média e baixa altitude. As competições são realizadas em trilhas e estradas não pavimentadas, para concluir estas provas os participantes devem demonstrar ótima capacidade de resistência, aliada a superação de obstáculos naturais. “(Resende, 2016, p.112-113)

E ainda acrescenta que o “ contato com a natureza é o principal motivador do crescimento mundial deste esporte, atualmente existe um aumento anual de 10% a 15% no número de participantes em competições.” (Resende, 2016, p. 113)

Algumas competições no município de Passa Quatro se tornaram frequente nesta modalidade, e eventos como a *La Missions*, são aguardados pelo trade turístico como eventos de grande demanda.

Surge uma questão, a corrida de aventura é uma modalidade de turismo de aventura? Se for considerado que o turismo de aventura envolve competição, esta associação já está descartada, mas, onde considerar esta atividade? Como um novo segmento? Turismo de eventos? Compreender a motivação destes corredores pode ser uma forma de melhor entender este novo nicho.

Material e Métodos

Caracterização da área de estudo

No Brasil, os ideais de preservação e conservação da natureza repercutiram na criação das Unidades de Conservação, regulamentadas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), que são divididas em dois grupos: as Unidades de Proteção Integral e as Unidades de Uso Sustentável. Este último grupo tem como objetivo “compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais (Brasil, 2000, p.9)”. Dentre as unidades listadas como Uso Sustentável, a Área de Proteção Ambiental (APA) é definida da seguinte forma:

A Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. (Brasil, 2000, p. 11).

As APAs são compostas de terras privadas ou públicas, onde são estabelecidas normas e restrições para a utilização das áreas. Segundo o SNUC, as visitações nestas áreas estão sujeitas a condições impostas pelo proprietário observando as exigências e restrições legais.

A APA da Serra da Mantiqueira foi criada pelo decreto nº 91.304, de 03 de junho de 1985 (Brasil, 1985) que sofreu alteração pela lei nº 9.097, de 19 de setembro de 1995, que incluiu o Município de São Bento do Sapucaí, no estado de São Paulo (Brasil, 1995). A (Figura 1) apresenta a localização da APA Serra da Mantiqueira que envolve municípios de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

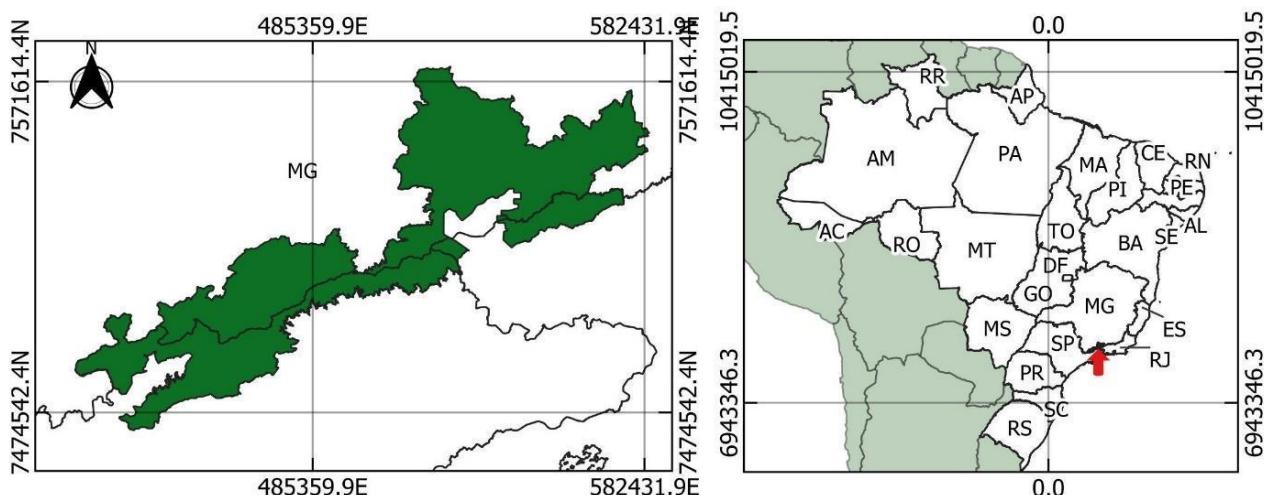


Figura 1: localização da APA da Serra da Mantiqueira

Figure 1: location of the Serra da Mantiqueira APA

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Source: elaborated by the authors (2024).

Sendo um tipo de unidade menos restritiva e compostas por terras particulares, as principais ações da APA são voltadas à fiscalização. A unidade tem se destacado pela articulação da sociedade em prol do desenvolvimento da região. Destaque para as ações de voluntariado nas trilhas na Serra Fina e Marins-Itaguaré entre 2019 e 2021 que serviram como estratégia em uma localidade com uma crescente demanda e que não contavam com nenhum tipo de articulação ou regulamentação. As atividades envolveram coleta de lixo, manejo de trilha e projetos de conscientização e educação ambiental.

Segundo o Plano de Manejo da APA (Brasil, 2018), o turismo ecológico se encontra em grande expansão na região, com crescente número de visitantes, incluindo a travessia da Serra Fina (Figura 2 e 3, próxima página).

Na (Figura 3, próxima página) é possível visualizar montanhistas realizando a travessia Serra Fina.

A travessia Serra Fina ganhou notoriedade na mídia quando uma expedição em 2000 mediu a altitude da Pedra da Mina (2796,8 metros), garantindo a ela o posto de quarto pico mais elevado do Brasil, ficando à frente do Pico das Agulhas (Sapucayah, 2006). A travessia passou por um crescimento na demanda turística, tornando-se um destino muito frequentado devido à proximidade com Rio de Janeiro e São Paulo, além das atrativas paisagens exóticas para a tropicalidade brasileira, dominadas por Campos de Altitude (Santos, 2024).

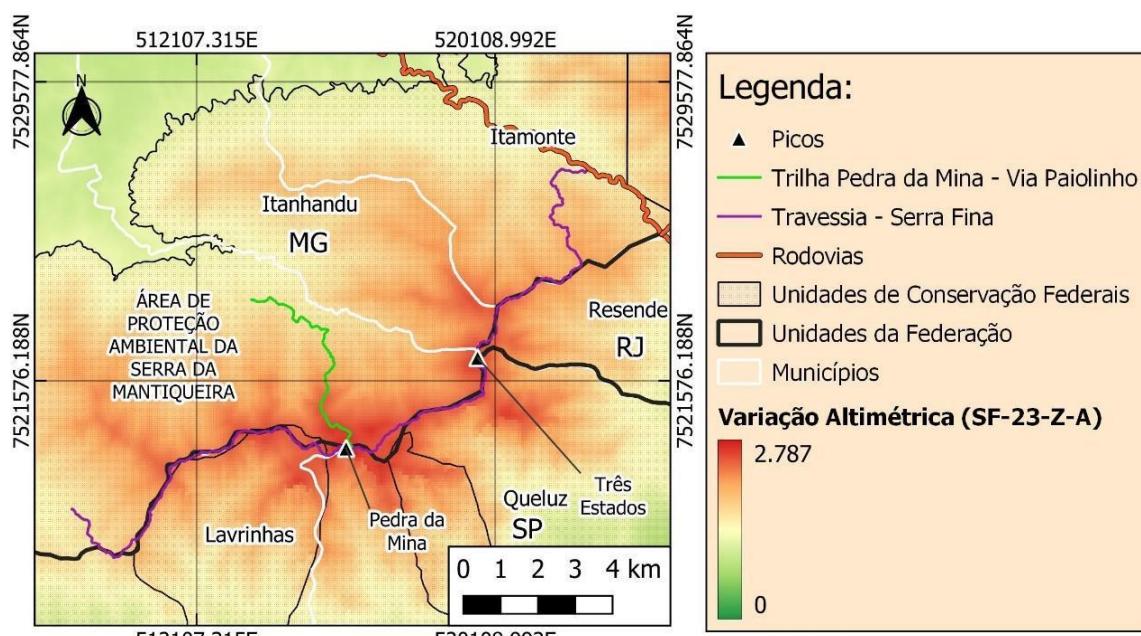


Figura 2: localização da Serra Fina.

Figure 2: location of the da Serra Fina.

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Source: elaborated by the authors (2024).

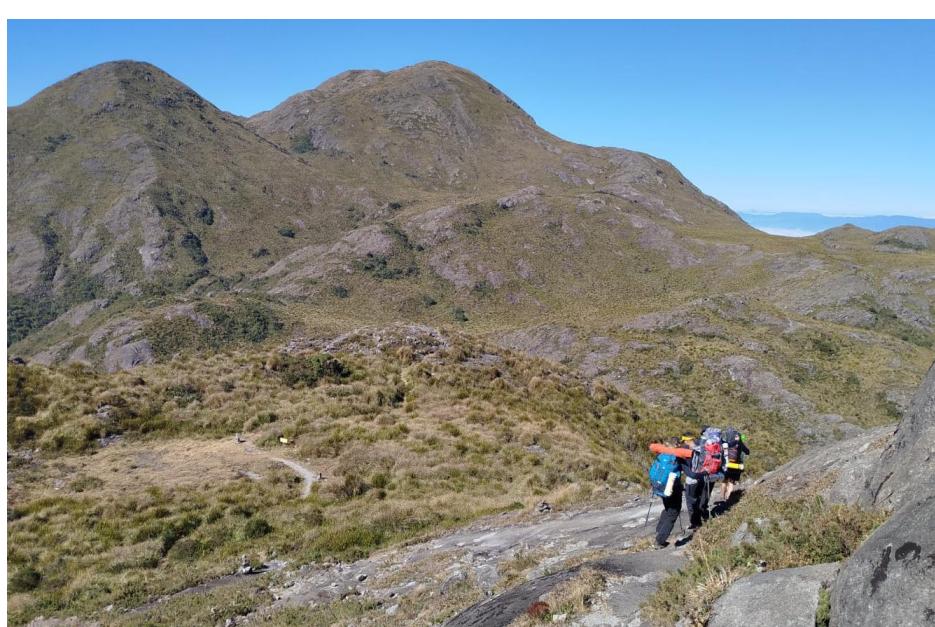


Figura 3: Montanhistas realizando a travessia Serra Fina. Pico da Pedra da Mina ao fundo

Figure 3: Mountaineers crossing Serra Fina. Pico da Pedra da Mina in the background

Fonte: autores (2024).

Source: authors (2024).

Além da APA, a área também é protegida por algumas Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN). Segundo o site da Associação de Proprietário da Serra Fina (APSF), em 2025 são 6 RPPN's, sendo elas: a Serra Fina conta com seis RPPN's: RPPN Alto Montana (Itamonte – MG); RPPN Pedra da Mina (Queluz – SP); RPPN Pico dos Três Estados, (Itanhandu – MG); RPPN Santa Rita de Cássia (Queluz – SP); RPPN Serrinha (Queluz, SP); RPPN Travessia, (Lavrinhos – SP).

No ano de 2020, em meio a pandemia do Coronavírus, o acesso a Serra Fina ficou fechado. Foi realizado um controle de visitação e houve a publicação de decretos municipais em parceria com a APA impedindo o fluxo de turistas na área. No entanto, mesmo com a tentativa de restrição de acesso, devido à dificuldade de fiscalização, alguns grupos acessaram a travessia. Nos dias 16 a 28 de julho de 2020, um incêndio se propagou pelas partes mais elevadas da serra, atingindo os campos de altitude e outras formações vegetais, como as florestas nebulares e altas montanhas. Calcula-se que uma área de 547,59 ha foi queimada (Figura 4). Várias instituições da sociedade civil organizada se articularam para o combate ao incêndio (Santos. 2024).



Figura 4: Guias locais avaliam as consequências um dia após controlar o incêndio
Figure 4: Local guides assessing the consequences one day after controlling the fire.

Fonte: autores (2020).

Source: authors (2020).

A comoção causada pelo evento conduziu a tentativa de uma articulação entre a APA da Serra da Mantiqueira, órgãos do poder público e proprietários para elaborar uma estratégia de fiscalização. Assim, foi criada a Associação de Proprietário da Serra da FINA (APSF) com objetivo de unificar as ações em consonância com os proprietários interessados. A gestão da área foi terceirizada para a empresa RUAH! que ficou responsável pelos serviços de controle da demanda, manejo de trilha, fiscalização, venda de ingresso e etc.

Metodologia

O objetivo deste artigo é analisar a demanda para descobrir se há interesses diferentes entre os principais frequentadores da área: os montanhistas e os corredores de aventura na Serra Fina. Para alcançar o resultado, foi aplicado um formulário, semiestruturado com cinco questões, em frequentadores da área.

O questionário foi organizado com cinco perguntas, sendo três abertas e duas fechadas. A primeira pergunta foi: “Você reside em qual localidade?” Com as seguintes opções: Mantiqueira e outros lugares. A segunda pergunta

foi “Você se considera?” Com as seguintes opções: montanhista, corredor de aventura, montanhismo e corredor de aventura, outro. A terceira pergunta foi aberta: “Qual o seu principal objetivo em visitar os picos da Serra da Mantiqueira? (Serra Fina, Marins - Itaguaré, Parque Nacional de Itatiaia e etc.) ”. A quinta pergunta foi: “Quem você acha que causa mais impactos (qualquer tipo de problema) na serra?” Com as seguintes opções: montanhistas, corredores de aventura, os dois e nenhum. A última pergunta foi uma questão aberta: “Você acha que montanhistas e corredores de aventura têm os mesmos objetivos quando vão para a serra? Justifique”

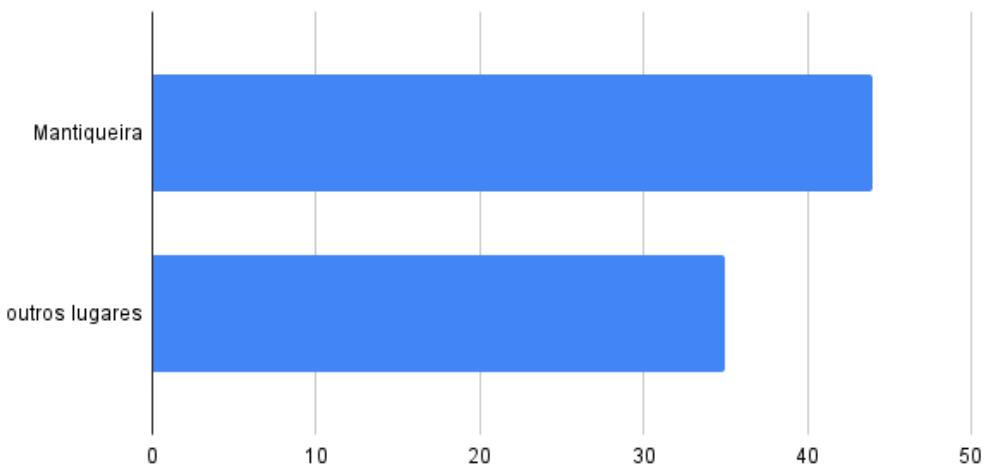
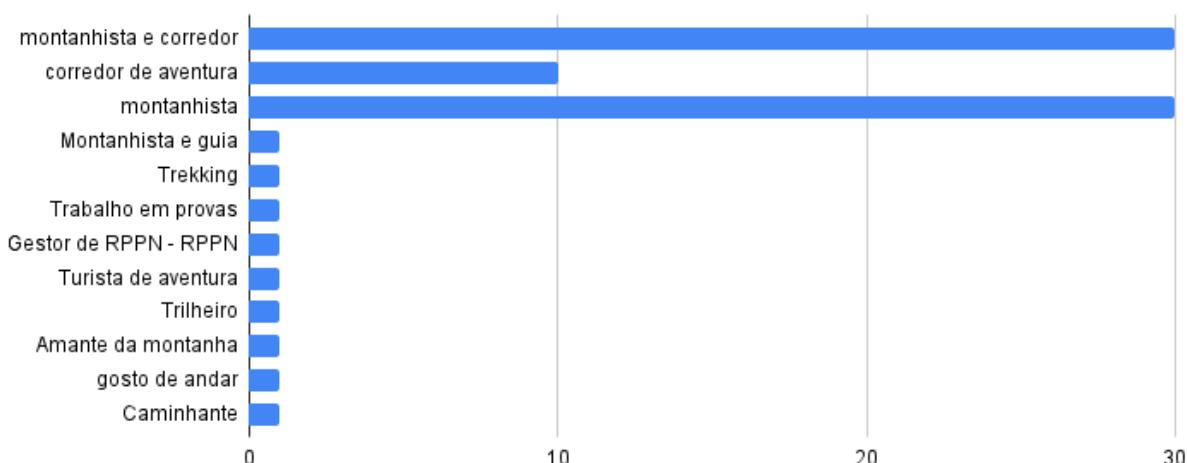
A forma de alcançar o público-alvo foi a aplicação do questionário utilizando a plataforma do *Google Forms*. Posteriormente um link de acesso às perguntas foi compartilhado em grupos de WhatsApp e páginas de redes sociais (Instagram e Facebook) ligadas a Serra Fina. Os grupos de WhatsApp foram: grupo de guias de turismo que realizaram o curso de capacitação realizado na Floresta Nacional de Passa Quatro (FLONA), grupo de voluntários que cuida dos Livros de Cume, em parceria com a APA da Serra da Mantiqueira, grupo de staff da corrida de aventura *La mission* e o grupo de corredores de Passa Quatro. Foi solicitado nestes grupos que ajudassem a divulgar a pesquisa.

O formulário ficou aberto do dia 03/10/2019 até 30/10/2019, obtendo 79 respostas. A análise dos dados foi feita pelo *Google Forms* que permitiu transformar os dados em gráficos e avaliar as respostas individualmente. Esta abordagem, além de avaliar os dados de forma quantitativa, também permitiu analisar perspectivas de uma forma qualitativa.

Resultados e Discussão

A primeira questão, sobre o lugar de origem dos entrevistados, teve como objetivo perceber se as pessoas se identificavam como pertencentes à região da Mantiqueira e se isso afetaria as respostas finais. Ou seja, se quem é da Mantiqueira tem uma opinião diferente de quem é de outras localidades. Dos entrevistados, a maior parte (56%) dos que responderam eram da Mantiqueira e outros (44%) afirmaram serem de outras localidades (Figura 5, próxima página).

A segunda questão buscou compreender a qual grupo cada entrevistado afirmava pertencer. Independentemente se tinham ciência do que caracteriza um montanhista ou um corredor de aventura, o foco foi perceber como os entrevistados se sentem pertencentes a determinado grupo. Além da resposta pré-estabelecida, houveram pessoas que se denominaram com outros termos, como, por exemplo: caminhante, amante da montanha e etc. Os resultados são visíveis na (Figura 6).

**Figura 5:** Origem dos entrevistados. Total de pessoas.**Figure 5:** Origin of the interviewees. Total people.**Fonte:** Elaborado pelos autores.**Source:** Prepared by the authors.**Figura 6:** Como os entrevistados se classificaram. “Você se considera?**Figure 6:** How respondents rated themselves. “Do you consider yourself?**Fonte:** Elaborado pelos autores.**Source:** Prepared by the authors.

Foi identificado que a maior parte dos entrevistados se consideram montanhistas (38%) ou montanhistas e corredores de aventura (38%).

A terceira pergunta era aberta e tinha como objetivo descobrir quais as principais motivações dos entrevistados em relação à visitação da área. Dentre os principais objetivos, os montanhistas que não são da Mantiqueira, afirmaram que buscam maior contato com a natureza, paz, aventura, motivações pessoais, trabalho, lazer, superação e etc. Os montanhistas da Mantiqueira procuram, principalmente, um contato com a natureza, trabalho, paz, diversão e treinamento.

Os corredores de aventura da Mantiqueira objetivam treinar, se desafiar e contemplar a natureza. Os corredores de outras localidades desejam praticar atividades físicas, descansar a mente e buscar preparo físico.

Os entrevistados da Mantiqueira que se consideram tanto corredores de aventura quanto montanhistas, afirmaram que buscam: contato com a natureza, apreciar a vista, diversão, paz, trabalho, treino, exercícios, curtir a natureza e etc. Os que não são da Mantiqueira e se consideram como integrantes das duas categorias querem contato com a natureza, trabalho e lazer, paz, treinos e etc.

É necessário destacar que dos 79 entrevistados, 10 utilizam a Serra Fina como trabalho, sendo 5 da Mantiqueira e 5 de outros lugares.

A quarta pergunta buscou identificar a percepção dos entrevistados sobre quais grupos seriam os mais problemáticos. Se apontavam outro grupo como causador de problemas e se eles tinham consciência dos problemas da localidade. De forma geral, foi considerado que há uma consciência de que os dois tipos de atividades causam problemas. Os resultados estão expressos no gráfico da (Figura 7).

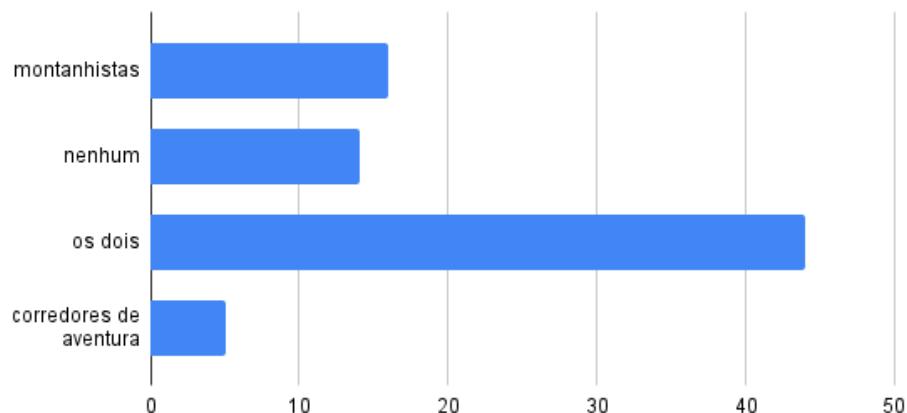


Figura 7: Opinião dos entrevistados sobre qual grupo causa mais problemas.

Figure 7: Opinion on which group causes the most problems.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Source: Prepared by the authors.

Nas respostas, foi identificado que 14 indivíduos acreditam que nenhum dos grupos causará problemas, sendo 5 da Mantiqueira e 9 de outras localidades.

A última pergunta, além de levar os entrevistados a refletirem sobre as motivações dos montanhistas e corredores de aventura em visitar e frequentar a Serra Fina, buscou entender melhor a relação entre os grupos. A resposta mais frequente, (44,3% dos entrevistados) afirma que os dois grupos têm objetivos diferentes. Justificam destacando que a corrida é mais individualizada e tem como objetivo chegar o mais rápido possível, pois busca uma performance de desempenho físico associado a velocidade. Já os montanhistas têm um objetivo de contemplação. Os que afirmam que os objetivos dos dois grupos são parecidos (20,25%), citaram frequentemente que ambos buscam uma interação com a natureza, porém de formas diferentes.

Destaque é que, quando é feita uma comparação com as respostas da terceira questão, fica evidente uma discrepância, pois, independente de qual grupo e de qual a localidade de origem, as repostas sobre o que buscavam foram semelhantes, apresentando que, independentemente de como os visitantes se classificam, a motivação são as mesmas: busca por paz, contato com a natureza, trabalho, realizar atividades físicas e etc.

Os entrevistados também aproveitaram a última pergunta para desabafar. Há alguns que demonstraram insatisfação com a realização de atividades remuneradas na serra, tanto enfatizando os trabalhos de agências de turismo quanto às corridas de aventura. Também foi apontada a insatisfação com turistas que deixam lixo nas trilhas.

No final da pesquisa, além dos questionários, com conversas e diálogos durante a execução da metodologia, foi possível caracterizar cada grupo e identificar como acreditam que o outro grupo causa problemas com a utilização do espaço.

a) categorização do montanhista: Realizam a travessia em 2 ou 4 dias. Carrega uma mochila com os equipamentos necessários que podem variar de 45 a 90 litros. Os turistas realizam a atividade por conta própria ou contratam agências de turismo. Estas agências geralmente são de fora da região e contratam moradores locais para realizar as operações. O maior fluxo acontece nos feriados, chegando a 200 pessoas, o que causava muitos problemas antes da regulamentação das atividades no local, devido às poucas áreas de camping e falta de consciência na hora de descartar os dejetos.

b) categorização do corredor de aventura: busca completar a atividade no menor tempo possível. Realizam a travessia Serra Fina ou apenas parte dela em um dia. Competem e treinam com uma mochila pequena de aproximadamente 20 litros ou menos. Os maiores fluxos de corredores que realizam a travessia se concentram nas crescentes corridas de montanhas que estão sendo organizadas na região. Estas corridas acontecem duas ou três vezes por ano. Em 2023, houve apenas uma corrida, a La Mission, segundo o site oficial da prova, dos 304 atletas inscritos para realizar o percurso que abrange toda a travessia, 199 terminaram a prova e dos 391 atletas que se propuseram a fazer metade da travessia, 319 completaram.

Foi identificado que eles se percebem da seguinte forma em relação aos problemas causados: a) Os montanhistas alegam que os corredores degradam a trilha por estarem passando muito rápido e deixando "micro lixo" como, por exemplo, lacre de suplementos rápidos. Outro ponto criticado foi o caráter competitivo que não permite uma conexão com o local, reduzindo sua percepção a uma "pista". b). Os corredores alegam que os montanhistas degradam a trilha por estarem mais pesados e ficarem mais tempo na montanha. Desta forma, produzem mais lixo e dejetos.

Considerações Finais

A pesquisa é o artigo foram elaborados antes do incêndio em 2020. Portanto, trazem um anseio sobre o pensamento dos turistas antes deste evento e servem como base para reflexões futuras sobre a gestão da área.

A Serra da Mantiqueira está incluída na dinâmica territorial que se forma através de múltiplas relações de poder sobre um espaço híbrido, múltiplo e diverso. Esta relação se manifesta no espaço por meio da materialidade ou de elementos imateriais dispostos em uma subjetividade. É perceptível na cultura, nas construções, no comportamento, nas palavras, nos modos de ser e agir dos moradores locais. Porém, a dinâmica entre o global e o local também é evidente, principalmente, com a chegada e a popularização de meios técnicos de conexão com uma rede de informações global.

O turismo, como atividade que envolve o deslocamento para áreas que transcendem a sua territorialidade, conecta pessoas com concepções de símbolos e significados de diferentes áreas, devido aos aspectos da globalização. A utilização dos territórios por diferentes grupos turísticos, cria uma nova relação subjetiva com a localidade. Os turistas são conectados às áreas, e se sentem no poder de opinar sobre as localidades sem mesmo ter um poder de posse. Estes grupos surgem como novas influências que também reivindicam um direito de usufruir destas áreas, porém, por um curto espaço de tempo. Sendo assim, surge uma questão sobre como as relações destes novos grupos se apresentam. É de forma territorial ou não? O que aqui foi levantado é que sim.

A discussão sobre o território cria uma conotação complexa. O território não é disputado por posse da terra, mas devido às características subjetivas nas atividades recreativas. Após o diálogo com os praticantes da atividade, foi possível observar que a questão territorial se estabelece de forma divergente até mesmo dentro destes dois grupos, ou seja, nem sempre os montanhistas e corredores de aventura têm as mesmas percepções que os outros integrantes de seu grupo. Há relações conflituosas que são reflexos da transformação da localidade em produto turístico para atender um mercado, um processo de T-D-R. A crescente demanda e os movimentos ligados ao chamado turismo de aventura têm reinventado a forma com que moradores locais utilizam a Serra Fina tanto para recreação quanto como atividade econômica. Vários trabalham tanto como guia de trekking como também trabalham de *staffs* nas corridas.

Os corredores de aventura surgem como um novo grupo que utiliza as áreas naturais. Apesar do caráter competitivo das corridas, muitos atletas afirmaram na pesquisa que “competem consigo mesmo” sendo o objetivo terminar a prova no tempo determinado para ser considerado “*finisher*”. Sob esta justificativa, fica compreensível entender este nicho dentro do turismo de aventura. Eles têm os eventos como parâmetros e objetivo principal, mas também utilizam a Serra Fina como local de treino, acessando-a em outros momentos do ano.

Sobre a percepção dos grupos estudados, apesar dos apontamentos contrários, os problemas que incomodam a todos são os mesmos:

manutenção da trilha, lixo, uso não sustentável da trilha e etc. Os conflitos estão mais associados a uma nova lógica que se estabelece, onde o mercado transformou a Serra Fina em um produto que é utilizado pelas agências de turismo e pelas corridas. Esta nova forma de utilização coloca alguns atores como agentes hegemônicos e delega a eles mais poder sobre tomadas de decisão que afetem o uso e ocupação da Serra Fina.

Até 2021 havia um programa de voluntariado da APA da Serra da Mantiqueira que organizou mutirões focados em: manutenção das trilhas, organização dos livros de cume para contabilizar a demanda turística na localidade e a comunicação nas redes sociais dando visibilidade para as suas ações. Este programa desmobilizou-se em 2021 por alguns motivos, dentre os quais: a perda de alguns funcionários mais engajados e a reestruturação da APA da Serra da Mantiqueira junto ao Núcleo de Gestão Integrada (NGI ICMBio) Mantiqueira, que fez com que a gestão da área fosse integrada a outras duas Unidades de Conservação: as Florestas Nacionais (FLONA) de Passa Quatro e de Lorena. Outro ponto foi a iniciativa dos proprietários em gerir a área, o que transferiu parte destas responsabilidades para a empresa terceirizada.

O incêndio criou um novo capítulo sobre a disputa do território na região. Como a nova visão dos proprietários sobre a Serra Fina, focando em ideais de preservação e explorando um viés econômico para subsidiar os investimentos. A articulação e a gestão reconfiguraram as relações de poder. Auxilia na preservação do patrimônio ambiental da Serra Fina, mas, estabelece regras de uso que focam em aspectos do mercado que podem excluir interesses dos moradores locais.

Referências

- ALIER, J. M. **O ecologismo dos pobres:** conflitos ambientais e linguagens de valoração. São Paulo: Contexto, 2007.
- BECKER, B.; GOMES, P. C. Meio Ambiente: matriz do pensamento geográfico. In: VIEIRA, P. F.; MAINON, D. (org.) **As Ciências Sociais e a Questão Ambiental:** rumo à interdisciplinaridade. RJ/Belém: APED/ EUFP, 1993.
- BRASIL. **Decreto nº 91.304**, de 03 de junho de 1985. Brasília, DF, 2985. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91304-3-junho-1985-441986-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 22 set. 2019.
- BRASIL. **Lei Nº 9.097**, de 19 de setembro de 1995. Brasília, DF, 1995. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9097.htm. Acesso em: 22 set. 2019.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Lei nº 9.985**, de 18 de julho de 2000. SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Brasília, DF, 2000; Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm. Acesso em: dezembro/2024.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo:** orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2. ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010a. 90p.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de Aventura:** orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010b. 75 p.

BRASIL. Plano de manejo e web Sig da APA da Serra da Mantiqueira produto. **6.2: Plano de Manejo da APASM.** Curitiba, 2018.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Hucitec, 1996.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização:** Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico do Brasil**, v.72. 2012. Recuperado em out. 10, 2019 de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_2012.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

LÓPEZ-RICHARD, Victor; CHINÁGLIA, Clever Ricardo. Turismo de aventura: conceitos e paradigmas fundamentais. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 2, p. 199–215, 2004. DOI: [10.11606/issn.1984-4867.v15i2p199-215](https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v15i2p199-215). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/62667>. Acesso em: 20 abr. 2025.

MARTINS, Patrícia Cristina; SILVA, Charlei Aparecido da. Turismo de Natureza ou na Natureza ou Ecoturismo? Reflexões e contribuições sobre um tema em constante debate. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 3, p. 487–505, 2019. DOI: [10.11606/issn.1984-4867.v29i3p487-505](https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v29i3p487-505). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/157887>. Acesso em: 20 abr. 2025.

OPPLIGER, Emilia Alibio; OLIVEIRA, Ademir Kleber Morbeck de; BASSINELLO, Patrícia Zaczuk. Turismo em áreas naturais: as diversas modalidades e a diferença entre os contextos mercadológico e acadêmico. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 32, n. 70, p. 1078, 2022. DOI: [//10.5752/P.2318-2962.2022v32n70p1078](https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2022v32n70p1078). Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/geografia/article/view/28548>. Acesso em: 20 abr. 2025.

PORTO-GONÇALVES, C W. Da Geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. En: CECEÑA, A. E. y SADER, E. (Coords.) **La Guerra Infinita:** hegemonía y terror mundial. Buenos Aires, Clacso, 2002.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

REZENDE, Paulo Emmanuel Nunes et al. Corrida de montanha: resposta do lactato em diferentes níveis de dificuldade. **Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT-SERGIPE**, v. 3, n. 2, p. 111-118, 2016.

SANTOS, L. H. O. **Pensamento geossistêmico e planejamento turístico:** uma proposta para o Circuito das Terras Altas da Mantiqueira, sudeste do Brasil. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2020. Recuperado de: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/12387/1/luizhenriqueoliveirasantos.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2024.

SANTOS, L. H. O. A instrumentalização da paisagem pelo turismo: o caso da Serra Fina – Sudeste do Brasil. **GOT: Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, 27, 44-67. 2024. <https://doi.org/10.17127/got/2024.27.003> . Acesso em: 30 nov. 2024.

SANTOS, L. H. O; PINTO, V. P. S. O Circuito Terras Altas da Mantiqueira por uma perspectiva territorial. **Geo UERJ**, [S. I.], n. 39, p. e52299, 2021. <https://doi.org/10.12957/geouerj.2021.52299>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/52299> . Acesso em: 21 mar. 2024.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SAPUCAHY, Mario Lucio Ribeiro. **Pedra da Mina:** visitação e impacto na trilha do Paiolzinho. 2006. 92f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1603084>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia:** conceitos e temas. – 6^a ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 77 – 116.

SPINK, Mary Jane P.; ARAGAKI, Sérgio Seiji; ALVES, Marina Pigozzi. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 18, p. 26-38, 2005.

Luiz Henrique de Oliveira Santos: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

E-mail: luizserrafina@hotmail.com

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4245954262573385>

Vicente Paulo dos Santos Pinto: Departamento de Geociências, Instituto de Ciências Humanas – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.

E-mail: vicente.pinto@ufjf.br

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7127738828178155>